

O Museu Militar dos Açores e a Fortaleza Quinhentista de São Brás em Ponta Delgada

Sérgio Alberto Fontes Rezendes
Museu Militar dos Açores
srezendes@hotmail.com



O Museu Militar dos Açores (MMA) surge na sequência da reestruturação do Exército Português, prevista no Decreto de Lei n.º 50 de 26 de Fevereiro de 1993 e torna-se efectivo por força do Despacho n.º 133 de 14 de Julho do mesmo ano, do General Chefe de Estado Maior do Exército. O seu Quadro Orgânico foi aprovado por Despacho de 7 de Junho de 1993 constando de um Oficial Superior (director), um Capitão como adjunto, 1 Sargento-Ajudante, três vigilantes (civis) e dois auxiliares de serviço.

Numa fase inicial, levantar-se-ia a natural problemática da sua implantação física numa área arquipelágica correspondente a nove ilhas. Após longas argumentações e hesitações entre a ilha Terceira (cujo museu regional detém uma das melhores e maiores colecções de militária do país) e a de São Miguel, optou-se no ano 1999 por se iniciar os trabalhos nesta última ilha, essencialmente devido a quatro factores: de acordo com o citado despacho, o MMA deveria estar junto ao Comando da Zona Militar dos Açores; ser esta a ilha com maior número de habitantes e visitantes da Região Autónoma dos Açores; a procura de um certo equilíbrio entre ambas as ilhas, uma vez que a ilha Terceira já possuía um museu civil com colecções militares e por fim, factores de natureza humana e de infraestruturas que possibilitavam o seu arranque na ilha micaelense, reabilitando a fortaleza quinhentista de São Brás às suas novas funções de casa-museu. Em todo o caso, o MMA sempre manteve o seu estatuto de museu regional, diligenciando no seu espírito a missão de integrar todas as ilhas na preservação da memória militar do arquipélago.

Tem o MMA por missão promover a recolha, valorização, enriquecimento e a exposição do património histórico-militar à sua guarda, devendo inventariar e conservar o património que lhe esteja atribuído; divulgar os valores culturais ligados à história militar e participar em eventos de interesse (...) ou de relevante significado histórico-militar.

Dentro deste conceito, as duas direcções que conheceu sempre tentaram, a par da inventariação e musealização dos seus espaços, desenvolver a investigação da historiografia militar açoriana e inclusive, da fortaleza em si (objectivo ainda por realizar nos seus moldes mais específicos).

Em meados de mil e quinhentos, Portugal controlava um vasto império espalhado por cinco continentes, sendo o primeiro império colonial moderno do mundo e com características muito peculiares: de carácter descontínuo e ribeirinho, era constituído por uma série de pontos criteriosamente seleccionados, quase sempre fortificados, tendo como objectivo controlar comercialmente uma determinada área e, em simultâneo, constituir pontos de apoio logístico à navegação em trânsito¹.



Museu Militar dos Açores – Bateria Príncipe Regente.
Exposição de armamento.

São Brás seguiria esta doutrina, no que concerne ao controlo da navegação no Atlântico Norte e indiscutivelmente integraria um ambicioso plano de D. João III para a reformulação da fortificação do litoral do Império marítimo português, como uma solução moderna para a neutralização das várias ameaças às ilhas. Falar sobre este exemplar de património imóvel fortificado da Idade Moderna nos Açores, é falar da zona do país com mais fortificações por quilómetro de costa², facto inevitavelmente associado a dois factores indissociáveis na Historiografia açoriana: a sua posição geoestratégica face à epopeia dos Descobrimentos (cujo regresso à Europa empurrava as embarcações à vela para junto das ilhas) e a sua utilização como área de apoio logístico e militar às armadas reais e a quem por estes mares andava em busca de glória e lucro.

Na ausência de formas de defesa, piratas e corsários não poupariam terra em caso de insucesso no mar. A política internacional poderia ser um estímulo extra, como se verificará no

¹ Boxer, C.R., *O Império Colonial Português*, Ed. 70, 1977, Lisboa.

² Nunes, António Lopes Pires, “Açores”, *Dicionário de Arquitectura Militar*, Caleidoscópio, 2005.

final do século XVI. À medida que o mercado global evolui, a partir do século XV, e tendo como base a Europa, cada vez mais se fazia sentir a presença de personagens indesejáveis como os corsários europeus (em especial franceses, ingleses e holandeses), muitos vezes separados por esferas religiosas contrárias (que contribuía ainda mais para a pertinência dos ataques) assim como de piratas magrebinos, entre outros³.

A situação nos Açores, no que concerne à segurança, reflectia a situação precária que se vivia no Atlântico Norte, particularmente vulnerável a ataques marítimos devido à ausência de um sistema defensivo devidamente planeado e estruturado. Como agravante havia a crescente presença nos seus mares de cada vez mais poderosas forças corsárias interessadas nos cada vez mais opulentos trânsitos marítimos oriundos das Américas portuguesas e espanholas e do Oriente, cujos ventos dominantes obrigavam a rumar a águas açorianas. Estes predadores dos mares oriundos do norte de África e do Norte da Europa, falhando um assalto marítimo não desdenhavam um ataque terrestre às ilhas, capturando navios abrigados nos incipientes e desprotegidos portos açorianos; assaltando povoações ou simplesmente negociando reabastecimentos com as populações, alternativa muitas vezes mais agradável perante uma possível resistência. São Jorge seria um bom exemplo de uma ilha sobressaltada por pequenos “testes” feitos a partir dos navios intrusos de modo a avaliar as reacções (e capacidade de defesa) de terra⁴.



Museu Militar dos Açores – Bateria D. Maria II.
Parque de viaturas e Artilharia (2007).

São Brás teria mesmo um dos seu primeiros testes de fogo em Maio de 1582 ao participar na sua primeira acção militar no apoio à esquadra espanhola de Pedro Peixoto contra uma esquadra francesa, acção que terminou com o afastamento desta⁵, no cerco por tropas

³ Pereira, António dos Santos, *Vereações de Velas – 1559-1570-1571*, Secretaria Regional de Educação e Cultura/Universidade dos Açores, 1984.

⁴ Rezendes, Sérgio, *A fortificação da Idade Moderna nos Açores: os casos de São Jorge, Terceira e São Miguel*. V Bienal de Turismo Rural (ilha de São Jorge), 2009. Edição on-line: <http://www.bienal-turismorural.org/2009/intervencao/3.pdf>.

⁵ Martins, Salgado, “Forte de S. Brás – Precursor do abaluartado em Portugal, sua História, sua recuperação e revitalização”, Colóquio *Património Militar*, forte de São Brás, policopiado, Museu Militar dos Açores, 2005.

apoiantes a D. António Prior do Crato, ou mesmo em 1597, quando arvoreia a bandeira do Santo da cidade de Ponta Delgada (São Sebastião) perante a passagem ameaçadora de uma armada inglesa⁶, inimiga da dinastia filipina reinante em Portugal. Este “assédio” regular à cidade manter-se-ia até pelo menos 1803, ano em que Inácio Joaquim de Castro, Governador Militar de São Miguel, com um único tiro de artilharia, provocaria um rombo e a morte de um marinheiro do navio do corsário inglês James, que tentava roubar a galera espanhola *N.ª Senhora das Mercês*, abrigada junto ao forte.

Último resistente ao declínio da fortificação abaluartada na ilha de São Miguel, veria ainda a sua importância realçada nos estudos conjuntos de Artilharia e Engenharia de 1853 que aconselharam o abandono de toda a fortificação da Idade Moderna na mesma ilha.

Na sua génese, à necessidade de protecção ao regresso das armadas, juntava-se a apreensão da população e do seu comércio perante o desenvolvimento da actividade corsária em mares açorianos: de uma fase inicial de povoamento tranquilo, passar-se-ia a um século XVI inseguro e a um clamar insistente junto das autoridades administrativas e do Rei, para ajuda e protecção com recurso às armas de fogo, em especial artilharia, única arma com capacidade de manter o inimigo a uma distância respeitável. Com a artilharia, vieram as fortificações.



Museu Militar dos Açores - Paiol do Século XIX
Exposição de material Anti-carro

Do ponto de vista da História da Arquitectura, o desenvolvimento da artilharia pirobalística, em especial a partir do século XVI, veio desvalorizar o valor defensivo do castelo medieval. Sem alternativas que o substituíssem, continuava a ser utilizado pelos monarcas portugueses, adaptando-se contudo, de forma mais ou menos convulsiva (fruto de modernas experiências) à sua nova posição geoestratégica (à beira-mar) e às novas características de um inimigo que já não lutava de arco e flecha, mas sim com pólvora e pelouros de ferro e chumbo⁷.

Neste sentido, “a grande revolução na arquitectura militar viria de Itália, a onde o Renascimento, a par de uma profunda alteração de mentalidades e de gosto artístico, teve impacto na arte militar coeva, desenvolvendo-se, depois da Arquitectura Medieval, a

⁶ Manuel, Ferreira, *Ponta Delgada – A História e o Armorial*, Câmara Municipal de Ponta Delgada, 1992, p.206.

⁷ Vieira, Alberto, *Da Poliorcética à fortificação nos Açores – Introdução ao estudo defensivo nos Açores nos séculos XVI-XX*, Boletim do Arquivo Histórico da Ilha Terceira, vol. 45, Tomo II, 1987, pp. 1525-1555.

Arquitectura de Transição e logo de seguida, a Arquitectura Abaluartada”⁸. Falar de fortificação militar na Idade Moderna nos Açores é falar de fortificação abaluartada, ou seja de “Fortificação adaptada à defesa contra armas de fogo (...), que perdeu todas as características medievais e que tem o baluarte como elemento caracterizante”⁹. Um baluarte será pois “um elemento caracterizante da fortificação abaluartada, de planta pentagonal irregular, que se destacava nos ângulos salientes de duas cortinas contínuas ou noutros pontos vulneráveis”¹⁰.



Baluarte da Terra – Forte de São Brás, Ponta Delgada.

Estes conceitos são fundamentais para que se perceba a importância do forte de São Brás na História da Arquitectura Militar portuguesa.

Trata-se do primeiro de uma série de três fortes integrado no plano de D. João III, complementado posteriormente por D. Sebastião e por Filipe I de Portugal. A São Brás, implantado no limite oriental da cidade de Ponta Delgada para protecção do seu porto e próximo à sua maior praça, segue-se o de S. Sebastião na cidade de Angra do Heroísmo e um pouco mais tarde, Santa Cruz na vila da Horta. Com a construção espanhola do Forte de São Filipe (actualmente São João Batista) na cidade terçieirense, fechava-se o Monte Brasil num único complexo fortificado para apoio às armadas estacionadas na baía daquela cidade, estabelecendo-se assim os quatro grandes fortes existentes nos Açores.

Fisicamente, o MMA ficaria então sedado numa fortaleza considerada como uma jóia da arquitectura militar portuguesa.

O autor do seu projecto e a data de início das obras são temas de intenso debate académico. Para Rui Carita¹¹, o forte foi iniciado em 1551 pelo mestre Micaelense Manuel Machado, Mestre das obras dos Açores, seguindo a sua própria planta. Em 1552 esta planta teria sido alterada pelo engenheiro de minas e Jesuíta Isidoro de Almeida, pensando-se que ainda manteria os clássicos baluartes redondos. Ainda segundo este autor, teria sido em 1560 que o arquitecto italiano Tommazo Benedetto, de Pésaro, lhe teria dado a configuração final, ou seja, o de uma fortaleza abaluartada regular, a primeira a ser edificada em Portugal com esta tipologia e porventura uma das primeiras da Europa, excluindo-se claro está, o caso italiano, berço deste novo estilo arquitectónico.

⁸ Nunes, António Lopes, “Introdução” in *Dicionário de Arquitectura Militar*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2005, pp. 15-16

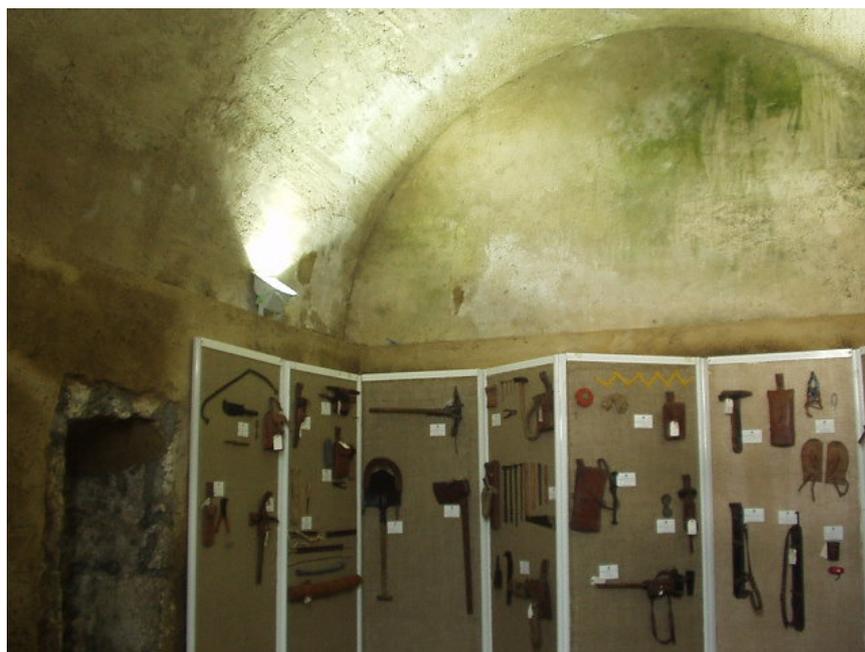
⁹ *Idem*, 25.

¹⁰ *Idem*, 58.

¹¹ Carita, Rui; “A fortaleza de São Brás em Ponta Delgada no século XVI” in *Arquitectura Militar*; Angra do Heroísmo, IAC, 2005, 87- 122.

Segundo Rafael Moreira¹², os primeiros passos para a construção de São Brás terão ocorrido em 1551, mas esta só se terá iniciado após a visita ao arquipélago em 1567 de Tommazo Benedetto (e Pompeu Ardití) que a desenhou, cabendo a Pêro de Maeda a execução.

Nestor de Sousa¹³, após um exaustivo cruzamento de todas as fontes conhecidas relativas à construção de S. Brás, chegou a algumas conclusões diferentes. Entende que S. Brás começou a ser construído entre 1560 e 1567, provavelmente sob o risco de Isodoro de Almeida, com plano reformulado por Tommásio Benedetto em 1569, segundo planta de modelo abaluartado de matriz italiana maneirista. A semelhança da sua planta com a de Pistoia, construída nos inícios do século XVI, justifica a sua gênese italiana. Aliás, a presumível planta contemporânea da sua construção assim o demonstra. Encontra-se guardada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Brasil.



Museu Militar dos Açores – Paiol do séc. XIX
Exposição de Material de Sapadores

Independentemente da sua origem, a sua construção sempre se confrontou com grandes dificuldades, uma vez que as verbas dos 2% dos impostos cobrados aos moradores, eram normalmente desviadas para outros fins, atrasando a sua conclusão. Contudo, seria o maior e mais importante da ilha de São Miguel, onde se construíram mais cerca de três dezenas de pequenos fortes, claramente erguidos sempre em contextos de crise profunda¹⁴.

Com a união das coroas ibéricas em 1580, São Brás apesar de ainda não estar concluído, já possui algumas capacidades defensivas mas com pouca ou nenhuma habitabilidade, situação que não se coadunava com o espírito castrense espanhol. Deste modo é-lhe acrescentado em finais de XVI, inícios do século XVII a cisterna, os dormitórios para a guarnição e um revelim para reforço da cortina que protegia a praia do Corpo Santo, local de amargem das

¹² Moreira, Rafael; “Enquadramento Geo-estratégico da arquitectura militar no Atlântico Norte no início da Idade Moderna” in *Arquitectura Militar*, Angra do Heroísmo, IAC, 2005, pp. 25 – 34.

¹³ Sousa, Nestor de, “*Programas de arquitectura militar quinhentista em ponta delgada e angra do heroísmo - italianos, italianização e intervenções até ao século XVIII: a ermida de S. João Batista na fortaleza do Monte Brasil*”, Ponta Delgada: Universidade dos Açores, [Sep. de Arquipélago-História. 2ª série, vol. II, 1997, pp. 53-224.

¹⁴ Rezendes, Sérgio, “As fortificações da Idade Moderna nos Açores: o património em São Miguel”; *Correio dos Açores*. n.º 26.315 de 27 de Setembro de 2009.

importantes embarcações que estabeleciam o grande comércio da ilha, nesta altura em vias de transitar do trigo para a grande exportação de pastel.

Estabelecida a Restauração portuguesa em 1640, somente em 1668 é que se consegue respirar com alívio nas ilhas, perante a assinatura de Paz entre ambos os países ibéricos.



Museu Militar dos Açores – Paiol do séc. XIX
Exposição de Material de Transmissões

Entre 1701-1714, Portugal envolveria-se na Guerra da Sucessão de Espanha ao lado das potências marítimas (Inglaterra e Holanda), situação que haveria de provocar algumas preocupações nas autoridades do arquipélago, mediante a possível presença de corsários franceses e espanhóis nas proximidades das ilhas. Durante este século verificar-se-ia contudo uma relativa acalmia nos mares açorianos, pelo que a fortificação entraria num período de abandono e de degradação.

Perante novos antagonismos entre a potência marítima - a Inglaterra e a potência continental - a França, relativamente aos quais pretendíamos manter-nos neutros, Portugal é envolvido nos interesses do Pacto de Família (Bourbon) e compelido a participar na guerra dos Sete Anos (1756-1763). Nesta conjuntura o Governador e Sargento Mor de S. Miguel, António Borges de Bettencourt, formaliza vários pedidos para o reino, procurando acabar com a situação de ruína das fortificações micalenses, assim como com a inoperacionalidade de quase toda a artilharia, ausência de pólvora e de armamento ligeiro. O apelo seria respondido em parte, principalmente no que toca a trabalhos de recuperação do forte de São Brás.

Em 1767, já com o Governo Geral instalado em Angra do Heroísmo desde o ano anterior, o Governador e Capitão General D. Antão de Almada determina ao Sargento-mor de Infantaria com exercício de Engenharia, João António Júdice, que faça uma revista às fortificações de S. Miguel e Terceira¹⁵. O relatório deste militar classifica o forte de S. Brás como em bom estado, referindo apenas a urgência em o dotar de artilharia operacional e em quantidade. Acabaria igualmente por referir a existência de três novas baterias exteriores

¹⁵ Martins, José Salgado, *Os Açores, a Guerra e as propostas reformistas de Francisco Borges da Silva nos finais do antigo regime*, Tese de Mestrado, Policopiado, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 2006.

plenamente artilhadas em 1796, por sua vez reconstruídas pelo capitão Engenheiro Francisco Borges da Silva em 1811, na forma acasamatada que mantêm na actualidade¹⁶.



Museu Militar dos Açores – *Paio*l do séc. XIX
Exposição de Material de Artilharia de Costa

A vinda deste jovem Capitão para S. Miguel em Junho de 1811 tem por objectivo preparar a ilha para uma nova conjuntura, em grande parte motivada pelas invasões francesas e consequente transferência da corte portuguesa para o Brasil, provocando o isolamento dos Açores no Atlântico Norte. O seu posicionamento acabaria por fazer elevar o seu estatuto de plataforma estratégica a um nível de grande importância, face aos interesses da Inglaterra na guerra com a França napoleónica e até de conflitualidade com os EUA. Do ponto de vista português, a importância era elevada uma vez que as ilhas passaram a ponto de ligação da coroa portuguesa e do império ultramarino com a Europa e a América do Norte. Francisco Borges da Silva vem pois com uma série de indicações e intuições, ao qual o forte de São Brás não escaparia. Remodela-o e moderniza-o profundamente, interrompendo uma situação de quase total abandono em que os seus baluartes haviam sido transformados em campos de vinha e milheiral. Genericamente, executa as seguintes obras: reedificação das três baterias acasamatadas; abertura de um fosso ao longo de toda a frente terrestre; construção de um armazém e de sete paióis à prova de bomba; adaptação das cortinas Sul e Norte a plataforma de morteiros; construção de uma nova porta de entrada (actual); desenvolvimento (ou redireccionamento) de novas canhoneiras; o alargamento da esplanada e por fim, em 1819, ainda que sob protesto de Borges da Silva, a construção por ordem do Governador Militar de um aquartelamento para o Batalhão de Infantaria n.º 2, deixando o imóvel com a aparência actualmente existente. Na segunda metade do século XIX e até à II Guerra Mundial, o forte albergaria várias unidades de artilharia, servindo igualmente como casa de Reclusão; prisão civil; sede temporária do Regimento de Infantaria n.º 26; Comando nas ilhas das Inspeções de Engenharia e Artilharia, entre outras¹⁷.

¹⁶ *Idem*.

¹⁷ Martins, Salgado, Forte de S. Brás – Precursor do abaluartado em Portugal, sua História, sua recuperação e revitalização., Colóquio *Património Militar*, forte de São Brás, policopiado, Museu Militar dos Açores, 2005.



Museu Militar dos Açores – Dia dos Museus 2007
Exposição temporária de Heráldica e Vexilologia Militar
Sala de Exposições Temporárias (grande)

Em virtude de não ser ainda edifício classificado (apenas seria classificado como monumento de interesse público pelo Decreto-Lei n.º 39.175 de 17 Abril de 1953), nestes 100 anos de progressivo desinteresse é profundamente assediado, acabando por sofrer uma série de reduções nos seus terrenos, como por exemplo, na cedência em 1868 da sua explanada a Este e bateria de Ponta Delgada à administração das obras do Porto de Ponta Delgada; na possível demolição em 1902 da capela dedicada a Santa Bárbara, padroeira dos artilheiros ou na entrega em 1906 da sua explanada norte à Câmara Municipal de Ponta Delgada. Durante a I Guerra Mundial seria o seu fosso arrasado e em 1918, cercado a Oeste e a Norte por uma base aeronaval americana e respectivos edifícios de apoio. A partir daí e uma vez estas estruturas provisórias desmontadas, a zona correspondente à antiga explanada passa a ser ajardinada ou mesmo alugada a privados.

Em 1940 recebe o Comando Militar dos Açores, onde se mantém até hoje, e em 1941 sofre uma série de transformações para se adaptar à grande e efectiva ameaça que existia por parte dos beligerantes de ambas as costas do Atlântico: as velhas canhoneiras deram lugar a posições de atiradores e de metralhadoras; foram-lhe rasgados túneis de comunicação e reforçados os terraços de modo a resistir a bombardeamentos aéreos e navais. À semelhança de todos os imóveis militares, sofreu grandes trabalhos de camuflagem, sendo o perímetro dos baluartes e cortinas rasgado em trincheiras para a infantaria.

Ao seu lado, seria construído um hangar de hidroaviões da Marinha de Guerra Portuguesa, desmantelado em 2003.



Museu Militar dos Açores – Dia da Zona Militar dos Açores 2007
Exposição temporária intitulada “Das ilhas ao Mindelo”
Sala de Exposições Temporárias (pequena)

A partir de 1999, com a implementação do MMA e com o inestimável apoio da Direcção de Edifícios e Monumentos Nacionais deu-se início a trabalhos de consolidação do aparelho fortificado, intervindo-se nas escarpas das cortinas e baluartes até ao cordão, excepto a do lado Este, por se ter adossado ao hangar da Marinha. Seguiu-se a adaptação de algumas instalações para a Direcção e Serviços Administrativos do Museu e salas de exposições. O Ministro de Defesa Nacional foi também um importante parceiro da sua reabilitação, possibilitando a recuperação de uma bateria acasamatada e de 6 paióis à prova de bomba. Em 2004, o Estado-Maior do Exército financiou a substituição da cobertura da bateria acasamatada D. Maria II assim como o guarnecimento do antigo aquartelamento que se encontrava muito degradado. Em 2006, iniciou-se o processo de musealização da sua praça de armas, ainda não concluída por motivos alheios ao Museu.

Uma visita ao Museu Militar dos Açores

Os espaços museológicos actualmente ocupadas pelo MMA, resultaram da partilha das infra-estruturas do Forte de S. Brás com o Comando da Zona Militar dos Açores e por este disponibilizados.

Encontrando-se localizado num edifício histórico classificado como monumento de interesse público, a sua recuperação foi sempre entendida pelos responsáveis do museu como um factor chave para o seu sucesso. O respeito pela traça original e a busca das etapas mais representativas da sua arquitectura (dentro do diálogo possível com a funcionalidade da instituição), foi sempre assumido como uma condição fulcral para o seu êxito, tal como uma adaptação museológica de acordo com um programa científico rigoroso.

Acomoda as seguintes instalações abertas ao público: área administrativa, com secretaria e três gabinetes; sala de consulta/reuniões; duas salas de exposições temporárias e dez de exposição permanente, com temáticas multifacetadas.

Outro factor essencial para se perceber o MMA, será a postura que as suas direcções sempre tiveram em face do seu publico alvo: para além dos locais e nacionais, os muitos turistas que visitam a ilha, não só por intermédio das agências de viagens como acima de tudo pelos que

tocam à ilha na passagem dos cruzeiros regulares que hoje em dia tocam as ilhas. Desta forma, para além do objectivo essencial na recolha do ainda muito material militar existente na ilha (apesar de já pertencer à Idade Contemporânea), o discurso expositivo procurou sempre retratar a evolução do Exército português nas ilhas.



Centro Cultural e de Congressos de Angra do Heroísmo
Exposição temporária intitulada “O Património Fortificado na ilha Terceira: o passado e o presente”
(2007).

Uma excelente política de relacionamento com os restantes museus regionais civis, permitiu a expansão de conhecimentos e a recolha de algum material mais antigo, ou até mesmo a parceria em algumas das exposições temporárias do Museu Militar dos Açores, sempre inéditas. Nestas, sempre se seguiu à letra um dos aspectos da sua missão, a da pesquisa histórica e transmissão à sociedade da historiografia militar portuguesa em geral e da açoriana em particular, não só à população que o fez crescer, como aos povos que outrora afastou. Deste modo tem as suas exposições permanentes divididas por materiais ou testemunhos como por exemplo, o fardamento, o armamento de fogo e de lâmina, as armas anti-carro e parque de viaturas.

Com destaque para áreas específicas do Exército português, desenvolveram-se as dos Serviços de Saúde, da Intendência Militar, Engenharia Militar, Transmissões e Artilharia de Costa.



Museu Militar dos Açores – Dia da Criança
Paços do Concelho de Ponta Delgada (2007).

Esta última encontra-se intimamente associada à II Guerra Mundial, altura em que os Açores sofreram um reforço militar significativo num espaço de tempo muito curto, em virtude do complicado xadrez europeu relacionado com a Batalha do Atlântico, por sua vez ligada à Batalha de Inglaterra. Uma posição de metralhadoras desta época lembra ao visitante a arquitectura rasa fortificada, tão em voga na época, tal como a exposição dedicada à Grande Guerra, fará lembrar a participação portuguesa nas trincheiras da guerra no Norte de França e nas fronteiras Sul de Angola e Norte de Moçambique.

Como áreas de reserva, dispõe de um pequeno armazém e sótão no forte de São Brás e um segundo no Campo Militar de São Gonçalo.

Apesar de se encontrar em processo de adaptação e musealização, o MMA sempre recebeu visitas organizadas entre 2001 e 2006, ano em que abriu ao público em geral. A título de exemplo, só no ano de 2005, quando ainda se encontrava condicionado ao público em geral, receberia 1.270 estudantes.

Desde o momento em que abriu portas (2006) até ao presente, o MMA já recebeu 53.614 visitantes, dos quais 14.554 apenas no ano de 2009.

Com um quadro orgânico actual que prevê a existência de dois oficiais, dois sargentos, três soldados e doze funcionários civis, o MMA continua a apoiar trabalhos de investigação e acções de carácter cultural a pessoas e entidades, regionais, nacionais e mesmo internacionais, não só do ponto de vista da museologia, como também pelo seu Centro de Documentação, detentor de riquíssima informação de 1880 até à actualidade.

Da sua actividade regular, destaca-se a recepção de escolas de diferentes estádios etários e a constante inventariação de testemunhos, a cerca de 95% da sua totalidade. A produção de saber científico, será também uma outra importante faceta do MMA, espelhada nas suas colaborações com os órgãos de comunicação social, regionais, nacionais e internacionais, ou em revistas especializadas de Ciência, como as do Instituto Açoriano da Cultura ou Instituto Cultural de Ponta Delgada.



Museu Militar dos Açores – Posição de metralhadora pesada.
II Guerra Mundial

A preparação de exposições temporárias, no âmbito do Dia Internacional dos Museus ou do da Zona Militar dos Açores, são já uma tradição regular para o MMA, bem como, sempre que possível, a sua passagem a itinerante pelos diferentes paços de concelho. Quando se torna possível, o museu salta de ilha ao montar novas exposições temáticas em outras ilhas, como já sucedeu com as ilhas Terceira e Santa Maria.

A atenção aos Serviços pedagógicos do Museu Militar dos Açores encontra-se permanentemente activa no interior das muralhas e no exterior quando necessário, em especial no Dia da Criança com a montagem de ATL no centro da cidade, puxando para si outras importantes sinergias, como a Banda Militar da Zona Militar dos Açores e a Cruz Vermelha de Ponta Delgada.

A apresentação de palestras na Universidade dos Açores, ou mesmo nas escolas locais, reforçam este carácter científico que o MMA procura desenvolver e cuja qualidade é plenamente reconhecida pelo protocolo estabelecido entre a Universidade dos Açores e o Museu Militar dos Açores para a formação de estágios aos alunos finalistas do Curso de Património Cultural, em ambas as valências: museologia e arquivo.